

O MST representado jornalisticamente nas páginas dos livrosreportagens “Rompendo a Cerca” e “Pioneiros do MST”¹

Hanne Cristhine Assimen CALDAS²

Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM⁴

Resumo

Este trabalho analisa os livrosreportagens *Rompendo a Cerca* e *Pioneiros do MST* sob a ótica da construção da representação jornalística do MST. O movimento se mostra divergente e em constante duelo com o sistema hegemônico vigente, principalmente no que diz respeito à mídia. A representação jornalística não só reflete, mas também constrói a realidade, nesse caso a do MST por meio dos livrosreportagens analisados. No mesmo contexto há a presença da ideologia e hegemonia, fatores de influência na construção da produção jornalística e consequentemente na representação jornalística, visto que se trata de uma forma de apreender a realidade social. Utilizam-se os estudos de Murilo Soares (2009), György Lukács (2010), Michael Löwy (2010), Leandro Konder (2002), Luciano Gruppi (1978), Rodrigo Dantas (2008) e Adelmo Genro Filho (1987).

Palavras-chave: MST; Livroreportagem; Representação jornalística; Ideologia; Hegemonia.

Introdução⁵

O trabalho busca entender o processo da construção da representação jornalística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nos livrosreportagens *Rompendo a Cerca* e *Pioneiros do MST*. O MST é um movimento social que durante os últimos 30 anos tem crescido e se consolidado em busca de mudanças da realidade por meio de vários segmentos no cerne do contexto da sociedade, tendo como bandeira principal a luta pela terra e pela reforma agrária. Além disso, o MST também é hoje o maior movimento social da América Latina, com isso conseguindo agregar diversas bandeiras de outros movimentos sociais.

Devido a expressiva relevância desse movimento no contexto social e levando em consideração os livrosreportagens serem meios de comunicação de massa que se mostram como ferramentas de aprendizagem coletiva é importante verificar como se dá o processo da construção da representação jornalística desse movimento em ambos os livros. Com a

¹ Trabalho submetido no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania - da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo, email: hanne.ufam@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo email: rafaelbellan@yahoo.com.br

⁴ Município do interior do Estado do Amazonas com aproximadamente 100.000 habitantes, localizado a 420 quilômetros da capital do Estado (Manaus).

⁵ Este artigo é resultado de uma discussão realizada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “A representação jornalística do MST nos livrosreportagens *Rompendo a Cerca* e *Pioneiros do MST*” do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

finalidade de verificar este procedimento da representação jornalística é fundamental compreende-la por meio de conceitos atrelados a sua construção, formado pelo tripé: enquadramento, ideologia e hegemonia. O que é importante para entender como esses elementos se relacionam entre si, a forma como são empregados pelas empresas de comunicação, nesse caso os autores dos livros e suas respectivas editoras, e como isso influencia no conteúdo que chega ao meio social.

Desse modo, os objetivos específicos que compõem a pesquisa são: identificar como os livrosreportagens abordam os princípios políticos e o ideário deste movimento social; esclarecer por qual vertente, hegemônica ou contra hegemônica, estes livrosreportagens traçam a representação jornalística do MST; e verificar a reportagem à luz da teoria marxista do jornalismo, ou seja, como uma prática social e forma de conhecimento. Pelos fatores apontados, analisamos os dois livrosreportagens a fim de verificar, compreender e descrever se há consonância ou dissonância entre o cerne ideológico do que é o MST e o que é construído na narrativa de ambos os livrosreportagens.

Para a fundamentação teórica, são empregadas as definições de alguns autores como Murilo Soares (2009) que trabalha a representação jornalística e respectivamente o enquadramento e hegemonia. Sobre o entendimento de ideologia utilizam-se os estudos de György Lukács (2010), Michael Löwy (2010) e Leandro Konder (2002). Para melhor compreender e delinear hegemonia foram utilizadas as leituras de Luciano Gruppi (1978) e Rodrigo Dantas (2008). E Adelmo Genro Filho (1987) para compreender a reportagem como forma e prática social de conhecimento. Vale ressaltar que nem todas essas bibliografias podem estar explícitas ao longo do artigo, mas que o pensamento de cada autor citado se encontra em diálogo e expresso na construção do resultado deste trabalho.

Referencial Teórico-Metodológico

Para verificar como se realiza o processo da representação jornalística é fundamental compreende-la por meio de conceitos atrelados a sua construção, formado pelo tripé: enquadramento, ideologia e hegemonia. Com isso, será possível entender como esses elementos se relacionam entre si, a forma como são empregados pelos livrosreportagens e como isso influencia no conteúdo que chega ao meio social.

Sobre o enquadramento Soares (2009) cita Tod Gitlin (1980) como o pioneiro a propor uma sistematização do conceito de enquadramentos da mídia, onde afirma estes

serem padrões das formas de conhecer, interpretar e apresentar os conteúdos, por meio das categorias de *seleção*, *ênfase* e *exclusão*, dos quais as mídias os organizam de modo persuasivo em seus discursos de forma cotidiana.

Carragee & Roefs (2004) *apud* Soares (2009) “defendem que os enquadramentos expressam a distribuição do poder social e político, conectando-se dessa forma à hegemonia ideológica”. Ou seja, o sistema de poder, no qual também envolve os meios de comunicação, dissemina padrões de visão de mundo e com isso mantém consolidada a manutenção da direção moral e intelectual dos sujeitos sociais, havendo desta forma a cooptação da subjetividade de um todo social.

Referente à ideologia, Soares (2009) destaca que em época que existe e é visível certa atenuação ideológica, as representações referentes à realidade social se expandem de maneira sutil nas mídias, como vestígios de matrizes doutrinárias, um bom exemplo são as reportagens. São realmente capazes de orientar o público sobre determinados assuntos de maneira rápida e eficaz, tanto para acompanhar a hegemonia quanto no sentido de oposição.

Quanto à hegemonia, Soares (2009) aponta ter forte ligação com o enquadramento, pois este é orientado pela premissa da primeira. Isto é, os enquadramentos possuem um grande potencial em dominar o discurso, conseguindo alcançar o nível de serem absorvidos como senso comum ou descrições fiéis do fato ocorrido, ao invés de serem vistos como meras interpretações.

Isto é, para avaliar como o movimento se encontra representado jornalisticamente será verificado como está refletida a realidade do MST nos livrosreportagens, mas também detectar como essas mídias tecem a construção do cenário de representação desse movimento social.

Com relação a compreender a reportagem como forma e prática social de conhecimento, Genro Filho (1987) considera ser o jornalismo muito mais que um servo da lógica capitalista, mas uma forma de conhecimento que pode transcender o capitalismo ao utilizar suas potencialidades enquanto práxis, o que é feito por meio das categorias *singular*, *particular* e *universal* que são formas de apreender a realidade.

Essas três categorias se relacionam entre si, porém estando mais presentes nas reportagens e grandes reportagens e aparecendo bem mais limitadas no fazer jornalístico cotidiano, chegando este somente até a singularidade e particularidade, não deixando a abertura necessária para a universalidade, o que obstrui a leitura do indivíduo sobre a mídia e consequentemente do universo social no qual está inserido. Em sua teoria marxista do

jornalismo, o autor propõe estas categorias e com elas a possibilidade de um fazer jornalístico diferenciado, como forma social de conhecimento.

Descrição do Corpus

Produzido pelo jornalista Eduardo Scolese e publicado pela editora Record, *Pioneiros do MST* remonta a história de 14 personagens que foram os primeiros dirigentes nacionais do movimento. A obra está disposta em 350 páginas e foi lançada no ano de 2008. Scolese passou três anos em busca desses pioneiros.

Dos 20 integrantes iniciais, o jornalista conseguiu identificar 17, sendo que dois já estavam falecidos e um se rejeitou. Entrevistou somente 14 dos integrantes iniciais, sendo 12 homens e duas mulheres. A entrevista com os personagens ocorreu em 2007 e a viagem para apuração durou 45 dias, passando por 11 estados e percorridos 11 mil quilômetros.

Enquanto que o livroreportagem *Rompendo a Cerca* foi produzido pelas jornalistas Sue Branford e Jan Rocha e publicado pela editora Casa Amarela, trazendo uma proposta de abordagem macrossociológica do movimento. As jornalistas são estrangeiras, mas adotaram o Brasil para morar e trabalhar por um tempo e aproveitaram para escrever este livro.

A obra está disposta em 398 páginas e foi lançada no ano de 2004. O livroreportagem está desenvolvido em quatro partes: 1) trajetória e expansão do MST; 2) estratégia do movimento para conquista de terra e o que realizou com relação à agricultura e educação após a conquista da terra; 3) o movimento e seus obstáculos; 4) resposta do MST aos desafios encontrados.

Resultados Alcançados

O tempo dispensando pelo jornalista Eduardo Scolese, autor de *Pioneiros do MST*, foram três anos de busca para localizar os pioneiros do movimento. Para o processo de apuração de ida a campo foram somente agosto e setembro de 2007. “Foram 45 dias de viagem e 11 mil quilômetros percorridos, cruzando 11 estados e ainda o Distrito Federal” (SCOLESE, 2008, p.13).

Enquanto que as jornalistas autoras de *Rompendo a Cerca* dedicaram 18 meses para todo o processo viajando pelo Brasil “de avião, ônibus, canoa e carroça, para ouvir as

histórias de dezenas de sem-terra, os homens e mulheres que lançaram o MST [...]” (BRANFORD; ROCHA, 2004, p.17).

Além do tempo percorrido em busca dessa trajetória do MST, as jornalistas também vivenciaram de perto e de dentro a prática do movimento, sentindo na pele os obstáculos no cotidiano dos sem-terra na luta pela terra. “Certa noite, nós e 40 sem-terra dormíamos nas barracas de lona preta de um acampamento quando chegaram 30 pistoleiros para expulsar-nos dali” (BRANFORD; ROCHA, 2004, p.17).

Já o jornalista Eduardo Scolese como tinha a proposta de resgatar a história dos primeiros dirigentes do MST e mostrar os mesmos como se encontravam na situação atual, não teve tempo suficiente para se envolver com o movimento de modo como, por exemplo, a vivenciar o cotidiano de um assentamento. Talvez por isso, durante a construção da narrativa, o autor descreve suas sensações sobre o que viu nos cenários por onde passou e ao entrevistar os pioneiros, porém dá mais ênfase em narrar como sujeito observador às histórias contadas pelos entrevistados.

Assim, quanto ao quesito de envolvimento, as autoras se preocuparam mais em realizar uma apuração aprofundada e também em vivenciar um pouco do dia-a-dia da realidade e das dificuldades enfrentadas por estes sem-terra. Configurando assim um trabalho jornalístico que humaniza seu sujeito e não espetaculariza ou mesmo cria estereótipos preconceituosos sobre o que se trata o MST.

Não estamos afirmando que Scolese tenha feito esse tipo de tratamento para com o movimento, porém mesmo com uma proposta diferente da que as autoras apresentam, o jornalista poderia ter se envolvido mais durante o processo ao ponto de quem sabe vivenciar a realidade junto a alguns pioneiros assentados, o que influencia no modo de conhecer o movimento.

Esse caso nos remete ao que Genro Filho (1987) nos alerta sobre sujeito e objeto, onde o jornalista (sujeito) procura manter distância com o fato (objeto). Isto é, mesmo havendo implicitamente uma relação dialética entre o “sujeito” e o “objeto”, o jornalista enquanto sujeito, ao não perceber esse processo no momento de reportar, torna a narrativa jornalística uma descrição reificada, onde visa somente o mercadológico e não a humanização. E ao não perceber isso, ocorre conseqüentemente a alienação, o que ocasiona indiretamente a aceitação da ideologia e uma percepção parcial da realidade. Fato este que encontramos durante a construção da narrativa de *Pioneiros do MST*, onde é perceptível o distanciamento entre jornalista (sujeito) e entrevistados (objeto).

Outro fator que podemos apontar é quanto à divisão temática que os livros-reportagens apresentam. *Pioneiros do MST* apresenta uma proposta de resgatar a trajetória dos primeiros dirigentes do movimento e para isso constrói uma espécie de mosaico de perfis desses personagens; já o *Rompendo a Cerca* encontra-se dividido em quatro partes, como descrito no tópico “Descrição do *Corpus*”.

Nesse momento é possível perceber o enquadramento delimitado pelos autores, no qual buscam dar um enfoque nitidamente diferenciado do que é mostrado pela mídia tradicionalmente massiva, mesmo que de formas distintas. Com isso, sendo possível refletir enquadramento ser a construção de sentido que é dado aos fatos cotidianos ou atemporais, por meio de ferramentas como a *seleção*, *ênfase* ou *exclusão* de determinados assuntos (SOARES, 2009).

Neste sentido, referente ao *Pioneiros do MST* sobre a *seleção* (enquadramento) é perceptível quanto a escolha dos personagens selecionados para serem entrevistados, ou seja, escolheu remontar, “localizar e contar a história de vida dos primeiros dirigentes nacionais do movimento” (Orelha do livro). Referente ao quesito *seleção* (enquadramento) do desenvolvimento do *Rompendo a Cerca*, durante as quatro etapas é possível verificar que as autoras vão além e conseguem relatar de forma minuciosa sobre as mais diversas ações do MST perante tantos obstáculos impostos.

Além disso, outra questão que devemos levar em consideração é o fator *ênfase* (enquadramento), enquanto construtor da representação jornalística do MST nesses livros-reportagens. Em *Rompendo a Cerca* o fator *ênfase* é dado para salientar o quanto o MST está envolvido com o cenário histórico político do Brasil e sua luta constante por mudanças reais no contexto social e para efetivação do que é chamado de democratização. Relacionado a trajetória política do país, no livro fica explícito o quanto esta sempre influenciou diretamente a caminhada de luta pela terra e por outros direitos do movimento, sendo muitas vezes prejudicado devido as várias investidas de cunho criminalizador do poder político de vários estados, mas também pelo próprio governo do país.

É neste sentido que é apresentada a trajetória de luta do MST, pois as autoras mostram-no inserido nos vários momentos marcantes da política no Brasil e que tiveram, de certa forma, participação direta para o fortalecimento do MST, como a Ditadura Militar, Diretas Já e a discussão acerca do agronegócio, o qual tem recebido forte incentivo e investimento do governo durante décadas como forma de “desenvolvimento” do país.

Em *Pioneiros do MST* o fator *ênfase* aparece de modo comparável ao outro livro, porém diferindo em alguns aspectos. Por este ter uma proposta de abordagem diferente, construção de perfis, o autor apresenta uma espécie de roteiro, sendo este composto da seguinte forma: 1) Intitula cada capítulo com uma característica marcante do personagem perfilado; 2) Como complemento para iniciar cada capítulo, utiliza uma citação em destaque que considera marcante do personagem entrevistado; 3) realiza uma descrição do trajeto de onde se encontra até a chegada do local a que se destina; identifica o personagem com algumas características físicas e da vida atual; a própria trajetória de vida – o que o levou a se envolver com o MST; quais as dificuldades que enfrentou enquanto estava envolvido com o movimento; se é assentado; se ainda atua no movimento; etc.

Mas, o que podemos afirmar que Scolese também se preocupa em dar *ênfase* em sua narrativa é no tocante a questão dos personagens com o envolvimento político. Mesmo que de forma superficial, mostra a relação de influência da trajetória política do Brasil com o desenvolvimento do MST, mas também a captura de alguns desses pioneiros para a política partidária, principalmente para o Partido dos Trabalhadores (PT). Partido este que atualmente se encontra a frente no governo Brasileiro e é considerado pelo movimento como um dos maiores obstáculos para a efetivação da reforma agrária no Brasil devido ao grande investimento realizado ao setor do agronegócio, apostado como fator de “desenvolvimento” para o país.

Reforma agrária esta considerada uma dívida histórica e motivo de luta ideológica travada entre o MST e o poder hegemônico nacional. Luta ideológica complexa, pois ao mesmo tempo em que o movimento está inserido no contexto hegemônico, este também criou seus mecanismos ideológicos que fazem parte de seu regimento interno. Isso significa que, não por acaso, os preceitos ideológicos do MST se tratam de um embate direto com a ideologia hegemônica. Isso porque a classe dominante ao possuir o poder *material* e *imaterial* dos meios de produção (MARX; ENGELS apud KONDER, 2002) acabam sendo também as ideias dominantes de suas épocas.

Porém, esse contexto de embate via MST e poder hegemônico acaba entrando no *hall* do fator *exclusão* (enquadramento) do livroreportagem *Pioneiros do MST*.

Nessa tarefa, notei que o próprio MST desconhecia o destino da maioria dessas pessoas, o que deu fôlego e importância ao projeto. Ou seja, o trabalho de localização desses primeiros diretores nacionais seria algo inédito e útil. Inclusive ao movimento (SCOLESE, 2008, p. 13).

Além da citação, mas por todo o conteúdo que apresenta, o autor dá mais importância ao quesito *quantidade* em detrimento da *qualidade*. Utiliza como critério a quantificação dos pioneiros do MST como sendo mais importante do que os próprios motivos (qualidade) que fizeram estes fundar o movimento.

Daí a dialética entre a *quantidade* e a *qualidade*, pois o autor seleciona e dá ênfase a este movimento eminentemente pela sua *quantidade*, ou seja, por ele ser “o mais pautado na mídia”, “mais polêmico”, “mais barulhento”, “o maior”, dentre outros adjetivos, normalmente pejorativos. Já a *qualidade*, fica em segundo plano, ou seja, as causas da existência do movimento, suas lutas por mudanças sociais e todo o contexto de poder e embate que se encontra inserido, nos quais são contradições provindas do sistema do capital.

Scolese traça o seguinte caminho: destaca os fatos de forma *quantitativa*, as quais surgem em relação com as *qualidades*, que são frutos das contradições, mas que na construção da narrativa jornalística do livro não progride, fato este que não gera sentido para um entendimento ampliado sobre o assunto. Portanto, essas *quantidades* primeiramente enumeradas parecem existir totalmente fora da história, pois aparecem fora de um contexto que o situem de modo complementar.

Quanto ao fator *exclusão* (enquadramento), analisado no livroreportagem *Rompendo a Cerca*, apresenta mais *qualidade* que *quantidade*, pois dá destaque para o embate travado entre o MST e o poder hegemônico.

Por todo o conteúdo que apresenta, as autoras dão mais importância ao quesito *qualidade* à *quantidade*. Utiliza como critério contar a trajetória do MST (*qualidade*) como sendo mais importante do que detalhes que o quantificam, pois com a preocupação em mostrar as causas que impulsionam o movimento inserido no contexto de poder hegemônico, consequentemente conseguem alcançar e equalizar entre ambos os resultados.

Seria inviável expor todos os trechos em que é possível verificar tamanha destreza das autoras durante a composição da narrativa, mas vale uma citação para exemplificar sobre o que é romper a cerca:

Para o MST, o ato de ocupar a terra – que eles chamam de “cortar o arame” – é a pedra de toque do movimento. É o batismo de fogo para o militante, uma parte essencial da sua identidade. Desempenha papel-chave na *mística*, o momento do teatro coletivo e da formação do mito que marca o início de todos os eventos do MST. Participar de uma ocupação é um enorme passo para uma família rural pobre... (BRANFORD; ROCHA, 2004, p. 99).

Isto é, elas conseguem ir além das meras descrições sobre o movimento (singular), mas durante a narrativa alcançam a contextualização do mesmo, desde o seu cerne ideológico e sua mística até o processo de embate quanto ao poder hegemônico (particular) e para, além disso, conseguem fazer com que o leitor, a partir dos aparatos demonstrados na leitura das entrelinhas do livro, consiga realizar uma reflexão que consegue ir além do entendimento sobre o que se trata o movimento, mas também de todo um contexto social, econômico, político, cultural, dentre outros aspectos que envolvem não só o MST como os demais movimentos e principalmente a necessidade da *emancipação* humana (universal).

Desse modo, realizando uma reflexão em torno de tudo que foi analisado é importante avaliarmos os livrosreportagens à luz da teoria marxista do jornalismo, a fim de verificarmos suas potencialidades enquanto exercício como forma e prática social de conhecimento (GENRO FILHO, 1987).

Em relação ao livroreportagem *Pioneiros do MST*, avaliamos que a forma de como é construído é bastante semelhante à reflexão que Genro Filho (1987) desenvolve. Isso porque é perceptível que Scolese ao ir a campo realizar as entrevistas, fazer descrições de suas impressões sobre o que vê, dentre outros aspectos que compõe a prática da apuração jornalística, insere bastante essas ações em seu livro, ficando em demasia no *singular*.

Enquanto que o livroreportagem *Rompendo a Cerca* consegue trazer um trabalho mais denso, ou seja, a narrativa mostra que mesmo as autoras indo a campo, inclusive experienciar o dia a dia do movimento e suas ações, elas conseguem construir muito mais que descrições etnográficas (singular), mas realizam uma abstração sobre este: o situam dentro de um contexto de embate social (particular). Para além do livroreportagem, deixam uma mensagem de reflexão para o leitor, onde mostra que o MST não é somente os adjetivos impostos a ele, como “o mais barulhento”, “o mais polêmico” ou por “estar mais pautado na mídia”, mas que esse movimento representa uma parte de uma realidade social deficiente, seja em educação, cultura, política e os mais diversos segmentos sociais, desse modo atingindo a meta do universal.

Ao que se refere ao livroreportagem *Pioneiros do MST*, o autor procura refletir a realidade (representação) desse movimento social por meio das descrições dos perfis dos primeiros dirigentes. Percebe-se que Scolese tem a preocupação de mostrar a trajetória desses militantes não só enquanto envolvidos com o movimento, mas busca resgatar suas histórias desde a infância, onde a vida da maioria desde muito cedo já era marcada pelas

dificuldades da dura realidade de ser agricultor. Demonstrando com isso, não ser por acaso seus envolvimento com o MST.

Por outro lado, o autor também é construtor dessa realidade (representação), pois se entende que por meio dos termos utilizados em seu discurso, como “invasão”, “ocupação”, “mais polêmico”, etc., o autor acaba confirmando e reproduzindo uma realidade já construída pelo poder hegemônico, a qual mostra um movimento estereotipado e consequentemente o que o torna criminalizado pela mídia e sociedade.

Daí uma reflexão é possível e necessária, pois com os dados apresentados pelo autor enquanto procura refletir a realidade (representação) do movimento, o serviria claramente como fator de *qualidade* para o livroreportagem, tendo em vista essa “*dura realidade de ser agricultor*” ser provinda de uma problemática maior, a qual se trata da ausência de um planejamento e efetivação de reforma agrária por parte do Estado, além de outros setores deficitários como a educação, cultura, etc.

Quanto ao livroreportagem *Rompendo a Cerca*, as autoras optaram refletir a realidade (representação) desse movimento por meio de uma narrativa onde mostra a trajetória do MST relacionado dialeticamente com a trajetória sócioeconômica política do Brasil. Com isso, simultaneamente, também constroem uma realidade sobre o movimento, que buscam quebrar paradigmas impostos durante décadas pelo poder hegemônico, como o discurso de os sem-terra serem “invasores de terras”, “rebeldes sem causa”, dentre outros estereótipos.

Mas essas lutas estão inseridas num contexto mais amplo, que é o cenário da democracia, a qual também influencia em outros fatores, como a questão da reforma agrária, um dos maiores objetivos do MST e que merece espaço de análise em ambos os livrosreportagens. Quanto ao livroreportagem do autor Scolese, percebe-se que a questão da reforma agrária não se trata de um fator prioritário na construção de sua narrativa. Isso fica claro durante alguns trechos dos perfis dos personagens, onde na mesma velocidade que o autor começa a se referir sobre o assunto, este o encerra de modo súbito.

No Rio Grande do Sul, a base do MST foi criada muito por conta da expulsão dos colonos do campo depois da modernização da agricultura, a partir da década de 1970. A maioria deles, aliás, recusara o convite da ditadura militar para migrar para os projetos de colonização. Preferiam ficar no estado e brigar por um pedaço de terra (SCOLESE, 2008, p.25).

Quando o autor parece que vai dar fôlego ao assunto logo o encerra, o que caracteriza que ainda buscou se aprofundar, talvez na questão da reforma agrária, mas acaba retornando ao seu ponto inicial, sem explicar por que o “adubo químico é abominado pelo MST”, por exemplo. Assim, ao tratar de forma incompleta, a narrativa se torna sem êxito sobre essa questão pôlemica, mas necessária no que tange ao avanço da democracia (cidadania real) e consequentemente para o MST.

Já no livroreportagem das jornalistas Branford e Rocha, a questão da reforma agrária aparece como um dos pilares em que se concentra a construção da narrativa. É em particular no capítulo “A globalização da agricultura brasileira” que é possível visualizar de forma mais clara essa referência à reforma agrária.

Em vez de realizarem a reforma agrária, os militares formaram uma aliança com empresas multinacionais e promoveram a modernização da agricultura. As novas e “mágicas” sementes híbridas [...] possibilitaram um grande aumento no rendimento dos cultivos [...] O entrave ao desenvolvimento econômico desmoronou. A partir daquele momento, não havia tanta necessidade econômica de uma reforma agrária radical (BRANFORD; ROCHA, 2001, p. 236).

Decisão essa dos militares que acabou desencadeando outros problemas mais agravantes, como prejudicar os pequenos agricultores, causando o êxodo rural, e a própria questão ambiental no Brasil. Diferente do jornalista Scolese, que parece se referir mais a reforma agrária a âmbito estadual em vez de em âmbito federal, as autoras conseguem resgatar com fôlego a temática em relação a sua influência direta para com o MST. Além disso, também conseguem se posicionar quanto ao assunto, onde nesse caso realizam uma crítica relacionada à decisão tomada por parte do governo federal quanto a não realização da emergente reforma agrária e as consequentes mazelas que isso acarreta na realidade social dos que se encontram à margem da sociedade.

Diante desse panorama sobre aspectos do MST contidos nos livrosreportagens analisados, chegamos ao questionamento: que lição fica sobre o movimento? Uma pergunta pertinente, mas com a resposta que não é tão simples quanto parece. Isso porque ambos os livros trazem perspectivas distintas sobre esse movimento, não que difiram quanto a ideologia do movimento, mas quanto a perspectivas dos próprios autores.

Quanto ao *Pioneiros do MST*, deste fica um movimento mais como um relato biográfico de seus integrantes do que mesmo os motivos reais do que acarreta a necessidade da existência dessas biografias. O livro, por meio dos perfis, deixa claro o MST das

primeiras décadas de batalha, como enfrentar latifundiários e o governo; as dificuldades para se mobilizar diante de uma Ditadura Militar; as mudanças que os pioneiros tiveram de enfrentar com a chegada da modernização da agricultura; a vontade de mudar a realidade social, muitos buscando o caminho por meio da política, a maioria pelo grande aliado da época PT.

O autor escolhe mostrar o movimento por uma perspectiva mais histórica e não se atem, diante dessas histórias, em evidenciar um campo mais amplo da problemática desse contexto situacional e quando o faz aparece de forma aligeirada e vaga, o que se torna ineficaz para deixar seu recado para as autoridades ou mesmo sugerir a *universalidade*, como no trecho:

Parece inacreditável, mas o assentamento no qual lavradores não podem usar o próprio banheiro de casa por conta da falta d'água está, linha reta, a exatos 15 quilômetros do rio São Francisco. As mesmas autoridades que prometem a transposição de parte do leito para outros estados não conseguem inaugurar um canal d'água entre o rio e o assentamento (SCOLESE, 2008, p. 257).

Este último parágrafo citado igualmente encerra o capítulo. Este fato de o autor não se aprofundar nas questões concernentes ao governo seja estadual ou federal, não dá os subsídios necessários ao leitor para realizar uma reflexão acerca do mundo, do sistema em que vive, enfim se torna reificado, é o caso isolado por ele mesmo.

Por outro lado, o livro *Rompendo a Cerca*, revela o movimento por uma perspectiva mais sociológica, onde mostra a imagem de pessoas que querem e fazem por onde acontecer a mudança da realidade social, de luta que não se encerra quando alcança a conquista pela terra, mas que lutam para ter acesso a educação, cultura, saúde de qualidade, dentre outras bandeiras para realizar a concretização da cidadania real.

Também deixam claro que toda a trajetória política e econômica do Brasil está diretamente ligada as bases que compõem o MST, pois se não fosse a divisão de classes, a concentração de terras nas mãos de uma minoria, o investimento e aposta extrema do governo federal no agronegócio como fonte de “desenvolvimento” interno, a entrada das multinacionais investindo no mercado e fazendo com que o país exporte todas as suas produções de ponta como a soja e a laranja, dentre outras questões agravantes, mas bancadas por todos os governantes até o momento. Enfim se todas as potencialidades do Brasil fossem aproveitadas para seu desenvolvimento e se fosse dada a chance para os

próprios trabalhadores rurais trabalharem na terra e assim produzirem, não haveria a necessidade de existir um movimento de massa reivindicando seus direitos.

Além disso, as autoras também investem na desmistificação de paradigmas como “invasores de terras”, “baderneiros”, “barulhentos”, “rebeldes sem causa”, dentre outros estereótipos criados tanto pela imprensa massificada tradicional quanto pela sociedade. Ou seja, mostram que o movimento possui sim suas causas, mas pra isso o situam dentro de um contexto mais geral, como no âmbito político econômico e social do Brasil.

Considerações Finais

Nesse sentido, a representação jornalística do MST nos livrosreportagens se encontra tanto refletida como também é construída pelos autores. No *Pioneiros do MST* é perceptível que o autor Scolese tem somente a intenção de apresentar a história do movimento por meio do resgate da história de vida dos primeiros dirigentes, sem procurar narrar e se aprofundar nos motivos reais em que levaram e levam esses dirigentes e o próprio movimento a se mobilizar.

Por outro lado, o *Rompendo a Cerca* busca uma narrativa mais aprofundada, onde nas entrelinhas mostra o MST ser uma consequência da trajetória política econômica do Brasil. Ou seja, o movimento traz a tona uma dívida histórica do país para com os seus próprios moradores. E por isso, vai de encontro à lógica mercantil que movimenta as engrenagens do sistema capitalista.

Mesmo demonstrando ter a melhor das intenções, Eduardo Scolese durante a narrativa de seu livroreportagem, por diversas vezes, tratou os militantes como “invasores”, “movimento mais barulhento”, etc. Não à toa, verificamos que o autor trabalha na Folha de São Paulo, uma grande empresa de comunicação, e que consequentemente carrega uma carga ideológica movida pela lógica do capital. Outra coincidência notada é ser publicado pela editora Record, que compõe um dos maiores grupos que detém o oligopólio da comunicação no país. Fatores estes que podem ter influenciado nas escolhas do discurso durante a narrativa do jornalista.

Enquanto que o livroreportagem *Rompendo a Cerca* traz sempre um discurso mais despreocupado com certas amarras ideológicas. Não por um acaso, as autoras são estrangeiras e trabalharam como jornalista durante muitos anos no Brasil. Além disso, o livro fora publicado pela editora Casa Amarela, uma empresa de comunicação de porte

menor, que não é atrelada a nenhum grupo político e também por ser uma editora aberta a propostas alternativas a hegemonia. Ou seja, tem uma visão que também vai de encontro a essa lógica do sistema capitalista e muitos a chamam ser “de esquerda”. Fatores esses que certamente influenciaram no direcionamento das escolhas das autoras para a narrativa do livreiroreportagem.

Isto é, fica possível perceber que a carga ideológica e o contexto hegemônico em que os jornalistas estão inseridos também influenciam na forma como os fatos sobre a realidade são enquadrados, a escolha das expressões que se apresentam no discurso, a profundidade ou a superficialidade, dentre outros comportamentos que dão direcionamento a construção sobre determinado assunto. Em alguns casos essa influencia é mais forte e incisiva, como é o caso de Scolese que acabou reproduzindo e sendo mais um produto do meio, e outros agem com mais resistência, como é o caso de Branford e Rocha, que resolveram dar um tratamento mais humanizado a causa do que é o MST.

Mesmo sendo considerado irrelevante, criminalizado e pautado em larga escala pela mídia como um movimento que causa “desordem social”, dentre outros adjetivos que o tornam negativo, é nessa conjuntura de luta que vive o MST nas ultimas três décadas. O MST de hoje continua com as mesmas ideias de 30 anos atrás, só que agora muito mais fortalecido. Sua demanda não é mais somente a conquista pela terra, com o passar do tempo sua proporção se transformou e percebeu que quer e pode conseguir mais, como ter acesso a educação, querer o fim do racismo, da desigualdade social, a criação de um sistema político onde a população realmente tenha vez e voz, a democratização da comunicação, dentre outras necessidades emergentes para a concreta mudança da realidade social.

Referências Bibliográficas

BRANFORD, Sue. **Rompendo a Cerca: a história do MST** / Sue Branford, Jan Rocha; [tradução Rubens Galves Merino]. – 1. Ed. – São Paulo : Casa Amarela, 2004.

MORISSAWA, Mitsue. **A História da luta pela terra e o MST** / Mitsue Morissawa – São Paulo : Expressão Popular, 2001.

SCOLESE, Eduardo. **Pioneiros do MST**: caminhos e descaminhos de homens e mulheres que criaram o movimento. Eduardo Scolese; com fotos de Sérgio Lima – Rio de Janeiro: Record, 2008.

SECRETARIA NACIONAL DO MST. **MST: Lutas e Conquistas**. 2ª Ed: São Paulo, 2010.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987, disponível em www.adelmo.com.br

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. Companhia das Letras, 2002.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. Michael Löwy. – 19. Ed. – São Paulo : Cortez, 2010.

LUKÁCS, György. Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. / György Lukács ; tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento; supervisão editorial de Ester Vaisman. - São Paulo : Boitempo, 2010.

DANTAS, Rodrigo. **Comunicação e contra-hegemonia**: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência / organizador Eduardo Granja Coutinho. – Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 2008.

GRUPPI, Luciano. **Conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro, Edições Graau, 1978.